

A contradição valor-valor de uso como plataforma para a crítica e a superação do capitalismo no século XXI: as contribuições de Bolívar Echeverría.

Andrea Santos Baca¹

O panorama social nesta segunda década do século XXI se apresenta pouco alentador. As três décadas de ofensiva selvagem do capitalismo neoliberal têm tido por resultado um cenário de devastação em quase todos os âmbitos da vida social: guerras, epidemias, pobreza, crise alimentar, fome, genocídios, violência de Estado, crise ambiental e econômica, expressões reacionárias retrógradas e antidemocráticas, entre muitas outras. Reconsiderando aquela sentença realizada por Rosa Luxemburgo, no começo do século XX, de socialismo ou barbárie, tudo parece indicar, apesar das ações de muitos, que a humanidade escolheu a segunda. Porém, como o reconhecimento da catástrofe não se convida à resignação e ao pessimismo, pelo contrário o convite é para assumi-la desde a plataforma crítica de Karl Marx. Mas, como invocar um autor do século XIX para enfrentar o que pode ser identificado como uma crise civilizatória do século XXI? E que além de estar afastado no tempo, tem sido acusado ao longo da segunda metade do século XX, de ser um autor, como lembra Nestor Kohan, “*autoritario, violento, estatista, verticalista, jacobino, determinista, eurocêntrico, patriarcal, brutalmente moderno, desconocedor de los pliegues más profundos de la subjetividad, ciego ante los nuevos movimientos sociales, ignorante ante la diferencia, despectivo frente al medio ambiente*” (Kohan, 2014: 35).

Com efeito, o chamado é para resgatar o projeto original de Marx entendido como a melhor crítica ao mundo burguês. Todavia é evidente que não se trata daquela caricatura feita pelo marxismo vulgar. Em especial, este artigo chama para a recuperação da proposta de reconstrução rigorosa, não dogmática e original do projeto de crítica de Karl Marx realizado pelo pensador latino-americano Bolívar Echeverría. Projeto de marxismo latino-americano que a partir do resgate e desenvolvimento da contradição valor-valor de uso, apresentada por Marx, se

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Economia – UFF. Com mestrado em Ciências Sociais, FLACSO – México. Email: asbaca@id.uff.br

² Tentativa de reproduzir na UNAM a proposta promovida e realizada em Cuba pelo Che Guevara.

³ Uma importante obra de García Linares é *Forma valor y Forma comunidad*, onde se constata a influência do autor equatoriano. Com a morte do equatoriano, Álvaro García promoveu a publicação de uma antologia dos textos de Echeverría com distribuição gratuita. Disponível em: http://www.vicpresidencia.gob.bo/IMG/pdf/bolivar_echeverria.pdf

⁴ Artigos que se encontram na *Revista Mundo Siglo XXI* n. 21 <http://www.mundosi gloxxi.ciepas.inn.mx/>

apresenta como uma plataforma extremamente útil e efetiva para a crítica e a superação do capitalismo do século XXI, bem como o seu catastrófico cenário.

O artigo se organiza em quatro partes: I. Vida de Bolívar Echeverría e contexto social da sua obra; II. A contradição valor-valor de uso como o eixo da crítica do capitalismo; III. Desenvolvimentos da contradição valor – valor de uso para a crítica do capitalismo do século XXI; e IV. A atualidade da revolução diante a barbárie capitalista: a forma de conclusão.

I. Vida e contexto social.

Bolívar Echeverría (1941-2010) ao longo da sua vida dedicou-se à reconstrução do marxismo, capaz de resgatar o projeto original da Crítica da Economia Política de Marx, porém, também capaz de enfrentar e posicionar-se diante o pós-modernismo e o marxismo vulgar sobre temas relevantes da segunda metade do século XX e princípio do XXI. Insere-se na corrente de pensadores críticos que, sem trair o pensamento de Marx, tenta realizar um criativo e rigoroso resgate e renovação das suas ideias. A obra de Echeverría, seguindo a Escola Frankfurt, se desenvolve com um estilo ensaístico peculiar: de curtos, porém, densos ensaios com os quais desenvolve sua crítica à civilização capitalista. Como professor e pesquisador na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), influenciou a muitas gerações a retomar os textos originais de Marx, e não só difundiu uma rigorosa e original metodologia para a leitura de *O Capital*, mas também o ensino do marxismo ocidental, do pensamento da escola de Frankfurt e da filosofia europeia.

Bolívar Echeverría nasce na cidade de Riobamba, no Equador. Desde jovem começa a ter contato com a filosofia, em especial com o existencialismo, principalmente do espanhol Unamuno e posteriormente de Sartre. Em 1961 viaja à Alemanha para estudar filosofia e depois de uma curta estadia em Freiburg, dirige-se à Berlim, onde pode ser testemunha das contradições do capitalismo do pós-guerra, das incoerências do mundo ocidental e da intervenção internacional dos Estados Unidos (que enquanto na Europa defendia as liberdades democráticas, na América Latina e no resto da periferia capitalista organizou intervenções militares e apoiou ditaduras e massacres) mas também pode vivenciar de perto a violência e as contradições do mundo socialista. Ali teve contato com os que seriam os próximos protagonistas do “68 berlinense”, especialmente com Rudy Dutschke, com quem estabeleceu um diálogo entre América Latina e Europa (Gandler, 2007: 83-98). Neste contexto, somado com o movimento

estudantil, teve contato com o marxismo ocidental e com as diferentes tradições e expressões da esquerda europeia, mas, como muitos, se perguntou a possibilidade de reinventar o marxismo desde América Latina (Gandler, 2007: 107).

Em 1968, obteve um *Magister Artium* da universidade em Berlim e diante do fim da bolsa na Alemanha e da repressão do movimento estudantil, se mudou para a Cidade do México. No México os militares não tinham efetuado golpe militar pela sua peculiaridade histórica (o antecedente da Revolução Mexicana e a “ditadura perfeita” do PRI) e a diferença do resto do continente. Fato que criou um ambiente propício para receber aos militantes e os intelectuais de esquerda latino-americanos e os espanhóis expulsos ou perseguidos em seus países. Contexto que favoreceu um clima de discussão particularmente crítico nas universidades mexicanas (Barreda, 2011: 56).

No México encontrou-se com Sanchez Vázquez que o ajudou a ingressar à UNAM como aluno e professor. Em 1974, traduziu as notas de leitura de 1844 de Marx (*Cuadernos de Paris. Notas de Lectura de 1844*) sob a supervisão de Sanchez Vázquez (Gandler, 2007: 111-116). No mesmo ano apresentou uma dissertação, de licenciatura em Filosofia, intitulada de *Teses sobre Feuerbach*, onde propôs uma tradução e análise original das mesmas. Também ditou cursos sobre *O Capital* na faculdade de Economia, e seminário com o mesmo nome². Nessa época e em resposta ao fechamento das revistas e espaços críticos na América Latina, ele juntou-se com outros exilados, entre eles o brasileiro Ruy Mauro Marinho, e criaram a *Revista Cuadernos Políticos*.

Em 1986 publica o seu primeiro livro *El discurso critico de Marx* com a editoria Era. Obra que contém pequenos, porém, densos ensaios que apontam as bases para a reconstrução do marxismo. Em 1991 termina o mestrado em Economia com uma dissertação sobre os esquemas de reprodução em Marx (*Apunte critico sobre los esquemas de la reproducción esbozados por Karl Marx en El Capital*). Em 1995 publica o seu segundo livro sobre a crítica da modernidade capitalista chamado *Las ilusiones de la modernidad*, o que permitiu que fosse conhecido fora do México. Com o levantamento zapatista de 1994, Echeverría participa, com muitos outros intelectuais mexicanos e latino-americanos dos diálogos que foram convocados pelo Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) (Gandler, 2007: 131-136).

² Tentativa de reproduzir na UNAM a proposta promovida e realizada em Cuba pelo Che Guevara.

Em 2004 recebe o *Premio Pio Jaramillo Alvarado*, da FLACSO – Quito, e dois anos depois, em 2006, seu livro *Vuelta de Siglo* ganha o *Premio Libertador al Pensamiento Critico*, outorgado pelo governo de Venezuela. Na Bolívia o seu pensamento também está presente por via de Alvarez García Linera, vice-presidente do Estado Plurinacional de Bolívia, que fora aluno de Echeverría na UNAM³.

II. A contradição valor-valor de uso como o eixo da crítica do capitalismo.

Para Echeverría, como para a maioria dos marxistas, a alienação é o fato determinante do mundo capitalista, sendo este o conceito central de Marx na sua crítica ao mundo burguês. A literatura sobre a alienação é ampla e existem diversas interpretações sobre em que consiste e como ela opera sobre nossa vida. A seguir, apresentam-se a interpretação e o desenvolvimento peculiar de Echeverría da teoria da alienação, fato que concede a sua peculiaridade à nossa sociedade e à nossa experiência de vida.

O seu ponto de partida é o marxismo ocidental, como se chama o conjunto de autores e de suas teorias, que no começo do século XX resistiram ao embate ideológico do marxismo vulgar imposto e difundido desde o denominado “socialismo real”. Em especial reconhece a teoria da coisificação de Lúkacs, desenvolvida em *Historia e Consciencia de Clase, como una de las vías de acceso, considerada la mas efectiva, a la variedad y la complejidad problemática de la vida moderna* (Echeverría, 1988: 510). Porém ainda reconhece a importante contribuição deste autor, considera necessário desenvolver a problemática da coisificação a partir de outra ótica a fim de extrair dela todo o seu potencial para a crítica e a superação do capitalismo da segunda metade do século XX. A proposta de Echeverría consiste em direcionar a atenção à formulação da contradição valor e valor de uso, apresentada por Marx no capítulo primeiro de *O Capital*. Esta será a chave da análise em torno da qual desenvolvera o seu pensamento crítico, reconhecendo nela a expressão da contradição fundamental das nossas sociedades e também o coração do projeto original da Crítica da Economia Política.

Com isto, Echeverría posiciona-se de forma diferente diante de muitos marxistas contemporâneos, que identificavam como sendo outra a contradição central da crítica à

³ Uma importante obra de García Linera é *Forma valor y Forma comunidad*, onde se constata a influência do autor equatoriano. Com a morte do equatoriano, Álvaro García promoveu a publicação de uma antologia dos textos de Echeverría com distribuição gratuita. Disponível em: http://www.vicepresidencia.gob.bo/IMG/pdf/bolivar_echeverria.pdf

sociedade capitalista. Por exemplo, tem-se outorgado especial atenção às contradições entre forças produtivas e relações de produção e à existente entre o trabalhador assalariado e o capital. Para Echeverría, o objetivo é reler a obra de Marx desde o enfoque mais útil e efetivo para a crítica do capitalismo atual em vez de defender a procura, somente acadêmica, da contradição mais verdadeira ou mais autêntica nos textos de Marx. De modo que a contribuição deste autor é a reconstrução da Crítica da Economia Política como teoria do desenvolvimento da contradição valor-valor de uso ao longo da totalidade social com a intenção de dar outro significado à teoria do fetichismo e da alienação, e por considerá-la uma estratégia muito efetiva para entender o complexo das contradições que estouram no dia a dia e em todos os cantos nas nossas vidas.

El teorema que afirma la existencia de una contradicción entre valor y valor de uso no es más que un intento de Marx por dar nombre a lo que podría ser el núcleo , el centro, la esencia misma de todo un conjunto de contradicciones, de conflictos, de opresiones, de represiones, de explotaciones, que constituyen la existencia cotidiana de los seres humanos en este último período de la época moderna (Echeverría, 1998b: 8).

Nota-se que com isto a intenção do autor é atualizar a teoria de Marx, no sentido de fazê-la mais efetiva para a crítica do capitalismo atual, mas não através da introdução de elementos alheios e externos ao projeto original da Crítica da Economia Política. Pelo contrário, trata-se de uma proposta para reler a obra de Marx empregando um fio condutor presente na argumentação de Marx, mas que por diferentes motivos tem permanecido em segundo plano com referência à outras contradições. Neste sentido, ele considera que : *La actividad y el discurso de Marx son como una sustancia que adquiere diferentes formas según la situación en que ellos son invocados para fundamentar diferentes marxismos (Echeverría, 1986: 14).*

A virtude da contradição valor e valor de uso, como se tenta demonstrar a continuação, consiste em que por ela ser o cerne das *contraditoriedades* do capitalismo, permite realizar a crítica da totalidade da sociedade capitalista, e do mundo burguês como uma totalidade econômica, política, cultural e até subjetiva, cujas contradições e conflitos se apresentam não apenas no âmbito econômico. O que resulta mais difícil de perceber, por exemplo, desde a perspectiva da contradição entre forças produtivas e relações de produção ou entre trabalho e capital, já que a interpretação comum que se faz delas as restringem apenas à um âmbito da sociedade: o econômico/técnico. Com isto, a intenção não é substituir nem negar a validade destas outras contradições, senão simplesmente reconhecer que o seu alcance crítico é parcial

(Veraza, 2014: 22). As dificuldades, para a crítica e a superação do capitalismo, emergem quando considera-se como a contradição fundamental do capitalismo, uma contradição cujo nível de presença é parcial, o que de fato pode ter contribuído para as leituras positivistas e dogmáticas do marxismo ao longo do século XX.

Considere, neste sentido, a contradição entre forças produtivas e relações de produção. Em 2010 Echeverría e Gyorgy Markus, aluno de Lukács e fundador da Escola de Budapest, mantiveram através de uma troca de artigos um interessante diálogo sobre esta questão específica⁴. Neste debate, Markus defende a esta (contradição entre forças produtivas e relações de produção) como a contradição central da Crítica da Economia Política de Marx, no entanto, Echeverría destaca o perigo de cair no mito progressista na mão deste posicionamento muito comum entre os marxistas. Sem dúvida, Echeverría reconhece a importância desta contradição, apresentada por Marx em *O Prólogo de 1859*, porém uma leitura superficial dela, como muitas vezes foi realizada no século XX, levou a considerar o processo de desenvolvimento social sob o capitalismo de uma forma mecânica e ilusória. A partir da plataforma da contradição forças produtivas e relações de produção não foi fácil entrever o mecanismo efetivo de dominação do capital sobre a vida social e a configuração específica das forças produtivas desenvolvidas pelo capitalismo criadas para e pela a acumulação de capital. Desta forma é fácil cair no mito burguês do progresso:

La dialéctica de las fuerzas productivas y las relaciones de producción sería como la descripción científica de un proceso orgánico en el que una masa tal, en principio amorfa, que sería las fuerzas productivas, se va dando sucesivamente, como lo hacen los crustáceos y caparazones, que serían las relaciones de producción, que primero le ayudan a crecer y después le estorban, justamente para crecer y que, en esa medida, son desechadas una tras otra. Así, entonces, habría una especie de sustrato, de sustancias, de esencia humana que estaría permanentemente intentando crecer y progresar y, para ello, se darían relaciones de producción (...) En este sentido, la teoría de Marx sería una teoría científica muy parecida a las ciencias naturales y tendría como su planteamiento fundamental esta noción de progreso de la esencia humana en cuanto tal. (Echeverría, 2010: 10-11).

No entanto, qual o entendimento de Echeverría por contradição valor-valor de uso? Para este autor, a primeira contradição apresentada por Marx em *O Capital* contém já em si a ideia de

⁴ Artigos que se encontram na *Revista Mundo Siglo XXI*, n. 21. <http://www.mundosisigloxxi.ciecas.ipn.mx/>

alienação. Quer dizer, a formulação daquilo que é o específico das sociedades capitalistas encontra-se desde o começo de *O Capital*, desde o capítulo primeiro, e não como algumas leituras supõem, esta especificidade localiza-se até o capítulo IV, quando se estabeleceu a já mencionada contradição do trabalho assalariado e capital. De que se trata esta contradição? É uma contradição existente apenas ao interior dos objetos da riqueza social no capitalismo? Sim, mas não somente. No capítulo primeiro, depois de dedicar algumas reflexões sobre o valor de uso, Marx diz que nas sociedades onde predominam o modo de produção capitalista, o valor de uso é portador material de uma outra legalidade: o valor.

Echeverría propõe o seguinte esquema para mostrar graficamente esta duplicidade específica da riqueza das sociedades capitalistas, quer dizer a especificidade da riqueza como mercadoria:

MERCADORIA		Na sua forma de existência:	
		<<Sustancia>> trans-histórica ou social-natural	<<Forma>> Configuração histórico-particular
Desde a perspectiva :	<<Expressão>>	VALOR DE USO	VALOR DE TROCA
	<<Conteúdo>>	PRODUTO	VALOR

Com este esquema o nosso autor quer destacar e desenvolver o que Marx enuncia no capítulo primeiro de *O Capital*. A mercadoria é um objeto estruturalmente complexo, integrado por dois níveis de presença com sentidos radicalmente opostos e vinculados por uma relação de contradição : a forma social-natural (simplesmente forma natural em Marx) e a forma valor. Ambos são por sua vez duplos, estão compostos por um conteúdo e uma expressão. A mercadoria enquanto a sua forma social-natural, é uma porção da natureza integrada funcionalmente em um processo concreto de reprodução social. De tal forma é um objeto útil que é considerado como efetivo em relação ao conjunto de necessidades de um determinado sujeito social: *la aptitud satisfactora singular del objeto* (Echeverría, 2012: 77). Todavia o valor de uso não é apenas um bem útil, desde uma outra perspectiva complementar, este objeto é um objeto produzido, quer dizer, trata-se de um objeto cuja utilidade foi produzida segundo o conjunto de

capacidades produtivas daquele sujeito social: *su composición técnica singular* (Echeverría, 2012: 77).

Do mesmo modo, a forma valor também está composta por um conteúdo e uma expressão. O valor de troca, refere-se também à uma utilidade do objeto, por isso coincide no nível de expressão do valor de uso como bem útil, porém, trata-se de uma utilidade radicalmente diferente: abstrata, refere-se unicamente à capacidade de trocar-se por outro objeto no mercado, ele é útil no sentido de ser intercambiável. O valor de troca é a expressão do valor, que é o conteúdo dessa capacidade do objeto de ser intercambiável e que faz referência a uma substância puramente social, a uma quantidade de energia social objetivada. Repara-se que o valor e o caráter de produto coincidem no nível de conteúdo, porque ambos são resultados da atividade produtiva humana, porém, um ressalta o seu caráter concreto-qualitativo (trabalho concreto) e o outro o seu caráter abstrato-quantitativo (trabalho abstrato).

O valor de uso de ser uma forma torna-se a substância o suporte de outra forma: a forma valor. Modificação que não é trivial, sendo que esta dialética da forma e do conteúdo é na realidade um processo de subordinação da forma social-natural à forma valor (Veraza, (inédito): 32-33). A forma valor, uma forma apenas social, de ser uma parte constitutiva da forma social-natural, o caráter abstrato quantitativo do trabalho direcionado a produzir bens, se torna independente e reprime ao resto de fatores que constituem à primeira. Como valor de uso o objeto é capaz de inserir-se em um processo de reprodução completo, de ser o veículo que conecta os momentos produtivos e consuntivos de um ser social determinado. No entanto nas sociedades capitalistas esta existência do produto é colocada como substância de uma outra forma de existência. Com o que se quer destacar, a inversão de prioridades social-naturais em referência a outras, abstrato-objetivas (Veraza, inédito, 13). A contradição radical, do fundo, a novidade histórica do capitalismo consistiria precisamente nesta inversão.

Echeverría destaca que esta estrutura da mercadoria exposta por Marx nas primeiras páginas de *O Capital*, constitui a estrutura fundamental da vida no capitalismo. O que é expressado como uma característica da riqueza no capitalismo é na verdade uma contradição entre duas lógicas de reprodução da vida social: uma concreta social-natural, própria do valor de uso e outra, a forma valor, correspondente à lógica quantitativa-abstrata do valor (Echeverría, 1986: 56). Novidade histórica das sociedades capitalistas que Marx destaca quando fala da diferença entre trabalho concreto e abstrato, e quando diz: *“he sido el primero en exponer*

críticamente esta naturaleza bifacética del trabajo contenido en la mercancía” (Marx, 2003(1867): 51).

Desta forma o capitalismo não é simplesmente uma forma peculiar em que se realiza a forma geral do processo de reprodução social , o que de fato está sempre presente como valor de uso. Pelo contrário, somente nestas sociedades surgem uma outra determinação do processo de reprodução social que originada nela a inversão e dominação de forma análoga a um parasitário.

El modo capitalista es descrito y explicado como una forma que contradice y deforma – reprime e hipertrofia- la sustancia que lo soporta y sobre la que ella se asienta parasitariamente: el proceso de producción/consumo en general (Echeverría, 1986: 56)

Por tanto a totalidade da vida social no capitalismo, a riqueza material, as peculiaridades sociais e subjetivas, são resultados do conflito e do compromisso constante entre estas duas lógicas contraditórias entre si. São duas formas de existência opostas mas que dependem uma da outra para realizarem- se, pelo qual se fala da existência de um compromisso entre ambas. Porém, não se trata apenas de um compromisso entre duas forças opostas iguais. Nas sociedades capitalistas domina e prevalece a lógica abstrato-quantitativa sendo ela a que conduz o ritmo e a direção, a amplitude e as condições que se realiza dito compromisso.

La figura concreta de las sociedades capitalistas es el resultado de un conflicto y un compromiso entre estas dos tendencias formadoras que son contradictorias entre si. La meta de la primera (Forma social natural) la única que interesa al sujeto social en cuanto tal, sólo puede ser perseguida en el capitalismo en la medida en que, al ser traducida a los terminos que impone la consecución de la segunda (forma valor), es traicionada en su esencia (Echeverría, 1998: 159).

O acúmulo deste processo de domínio, do desenvolvimento e realização do capital como valor autônomo que se autovaloriza, é descrito justamente pelo conceito de alienação. Alienação como o resultado da inversão apontada anteriormente como contradição valor- valor de uso e que faz dos indivíduos sociais nas sociedades capitalistas expectadores do seu próprio processo de reprodução , sendo o capital o verdadeiro sujeito, *el verdadero dios de la modernidad capitalista que impone su voluntad dictatorialmente.* (Echeverría, 2010: 12).

No ponto seguinte apresentam-se dois desenvolvimentos da Crítica da Economia Política derivados desta proposta particular de entender o projeto crítico de Marx. Em primeiro lugar, se

o coração da crítica ao capitalismo é a contradição valor e valor de uso, a que se refere Marx quando fala de valor de uso? O que é precisamente aquilo que o capital chega a submeter? De modo que Echeverría assume a necessidade de desenvolver uma teoria do valor de uso, com a intenção de esclarecer a tal mal entendida infraestrutura e que levou às leituras economicistas próprias do marxismo vulgar. Em segundo lugar, Echeverría pergunta-se pela forma em que se faz efetiva a submissão do valor de uso pela forma valor.

III. Desenvolvimentos da contradição valor – valor de uso para a crítica do capitalismo do século XXI.

A teoria do valor de uso: ontologia e semiótica

A centralidade da contradição valor-valor de uso leva o equatoriano a necessidade de desenvolver o que na teoria de Marx apenas está insinuado: a sua teoria do valor de uso, como a forma social-natural da reprodução da vida humana. Em 1984, Echeverría publica pela primeira vez a sua teoria do valor de uso, sob o nome *La forma natural del proceso de reproducción social*. Depois em 1998 e com algumas modificações publica *Valor de uso: ontologia y semiótica*. Para a reconstrução da teoria do valor de uso, da práxis concreta e vital da vida humana, o nosso autor faz uma leitura rigorosa de *O Capital* e dos *Grundrisse*, em especial da *Introdução de 1857*. Um dos dois interlocutores mais importantes nesta reconstrução de Echeverría é Jean Baudrillard, que é um agudo representante de uma leitura muito comum sobre o valor uso, baseada na não distinção entre a utilidade abstrata e a utilidade concreta, e pelo tanto ao associar o valor de uso ao conceito de utilidade da economia neoclássica. Concepção do valor de uso que passa por alto a singularidade concreta dos valores de uso ao atribuir-lhe “el más plano de los utilitarismos” (Echeverría, 1998: 154). Ideia que também é comum entre alguns marxistas para quem o valor de uso carece de importância, como por exemplo para Sweezy, que segundo ele: “Marx excluía el valor de uso – o como ahora se le llamaría, la “utilidad” – de la esfera de investigación de la economía política, en virtud de que da cuerpo directamente a una relación social” (citado por Ortega, 2012: 19).

Para superar esta leitura economicista do valor de uso, da sua redução ao plano utilitarista abstrato da teoria econômica, resgata de forma crítica algumas contribuições da denominada virada linguística, muitas vezes associada ao pensamento pós-moderno, o que pode gerar surpresa ou ser fonte de desconforto para muitos marxistas diante da proposta deste autor. Desta forma o nosso autor tenta construir uma perspectiva crítica que supunha a unidade de dois paradigmas de interpretação do social : o identificado como o paradigma da produção de Marx e o paradigma da comunicação (iniciado por G. H Mead). E que se não são excludentes, têm sido sempre desenvolvidos de forma independente e até contraposta, de forma que todo intento de unificá-los desde o pressuposto da sua relação externa, tem falhado.

Contudo, é importante antes resgatar um outro sentido da centralidade da contradição valor-valor de uso , pois para Echeverría não se trata simplesmente da contradição que outorga a especificidade à sociedade capitalista mas, e em um sentido complementar à ela, trata-se da contradição que contém o segredo da crítica de Marx ao sistema capitalista. Para nosso autor, a teoria do valor de uso é o fundamento sobre o que se levanta “ *todo el edificio de la critica de la Economía política*“ (Echeverría, 1998: 155). Trata-se de um *comportamento estruturador da vida social* cuja compressão precede e determina necessariamente a percepção que tem Marx daquilo que chega a contradizer o capital. Neste sentido, o valor de uso é *o conceito de contraste* que permite ao discurso teórico especificar o sentido de seu trabalho crítico.

Estratégia de crítica que o mesmo Marx emprega no capítulo V do livro primeiro, ao apresentar a especificidade, a sua configuração peculiar histórica, da produção capitalista em referencia ao processo de trabalho como estrutura trans-histórica, permitindo assim, a crítica à intenção ideológica de naturalizar a realidade capitalista.

La contraposición entre esa sustancia trans-histórica o forma fundamental y este modo capitalista o forma histórica moderna es el procedimiento que Marx emplea una y otra vez, en diferentes niveles y con mayor o menor complejidad, según lo requiere el tema, a todo lo largo de esta argumentación destinada a establecer las leyes determinantes de la producción, la circulación y el consumo de la riqueza capitalista (Echeverría, 1986: 56)

A pesar desta importância, reconhece que a tematização a fundo do valor de uso mantém-se quase implícito nos textos de Marx, os quais estão dedicados sobre tudo a esclarecer de forma ampla e profunda a forma valor do processo de reprodução social. ¿Por que Marx não desenvolveu a fundo a teoria do valor de uso se ela é tão importante? Pergunta que Echeverría

responde com o seguinte argumento. Porque a teoria de Marx é uma teoria crítica , desconstrutora do discurso positivo que a sociedade moderna gera espontaneamente sobre si mesma. O problema com o valor de uso é então que na época de Marx não existia uma teoria acabada sobre a forma natural do processo de reprodução social. O que Echeverría destaca como uma limitação do projeto da Crítica da Economia Política, que a escola de Frankfurt destacou no seu momento, segundo o qual Marx teria permanecido ao interior da tradição do Iluminismo ao não desenvolver explicitamente, ainda que o tinha insinuado, o questionamento radical da forma natural da vida no capitalismo. O fato resgatado por Echeverría é que o processo de reprodução social concreto qualitativo, ainda seja um mal necessário desde a ótica do capital, constituiu o material sobre o que se sustenta e como tal é ilusão considera-lo neutro (Echeverría, 1998a: 64-65).

Para apresentar a sua teoria, emprega o conceito da “produção em geral” desenvolvido por Marx na *Introdução de 1857*. Porém Echeverría, fazendo uma leitura original deste texto, se recusa a entender que a produção em geral à que se refere Marx se reduz apenas ao momento produtivista como produção de objetos, e considera que neste nível de generalidade a produção é um *proceso completo de reproducción social*, isto significa que inclui o momento da produção e do consumo como momentos igualmente fundamentais. Esta diferença na leitura do conceito de produção, em geral, não se trata de alguma arbitrariedade de Echeverría, mas sim resultado de uma leitura rigorosa e não dogmática do texto Marx. Em especial, resgata uma sutil diferença que Marx realiza ao final da segunda seção de dito texto entre a produção no sentido unilateral e uma outra produção que referi á totalidade do processo de reprodução social como unidade produção/consumo mediada pela distribuição, ou relações entre os membros da sociedade. Nesse texto Marx conclui que a produção em geral é :

El resultado al que llegamos no es que la producción , la distribución , el intercambio, el intercambio y el consumo sean idénticos, sino que constituyen las articulaciones de una totalidad, diferenciaciones dentro de una unidad. La producción trasciende tanto más allá de sí misma en la determinación opuesta de la producción, como más allá de los otros momentos (...) Una producción determinada, por lo tanto, determina un consumo, una distribución, un intercambio determinados y relaciones recíprocas determinadas de estos diferentes momentos. A decir verdad, también la producción, bajo su forma unilateral , está a su vez determinada por los otros momentos (Marx, [1857-58]1989:20).

Logo Echeverría sempre vai se referir ao processo de reprodução social como a totalidade produção/consumo mediado pela distribuição. Processo que reconhece como *uma estrutura essencial, trans-histórica, supra-étnica* que adquire realidade quando é dotada de uma forma particular nos contextos históricos específicos. Pois na verdade, todo valor de uso refere-se assim a um nível de concreção do processo de reprodução social geral.

Estabelecido isto, Echeverría acha necessário desenvolver a especificidade do processo de reprodução social para o que começa com o tipo de determinações fixadas pela vida orgânica, para depois adicionar a especificidades introduzidas pela vida animal gregária e, por último, a atualização peculiar realizada pelos humanos: “*el proceso de reproduccion del ser humano como un proceso en el que la reproduccion de su materialidad animal se encuentra en calidad de portadora de una reproduccion que la trasciende, la de su materialidade social*” . Então o específico da reprodução da vida humana está em que a diferença do sujeito gregário animal, a forma da sua *socialidad*⁵, assim como o equilíbrio das suas necessidades e das suas capacidades e entrega à liberdade, pois a sua vigência não é instintiva e ainda ela está condicionada pela forma realizada no passado, nada obrigada a que permaneça igual no futuro.

Agora esta peculiaridade da vida social humana imprime um sentido radicalmente novo à totalidade do processo de reprodução herdada da vida orgânica e da vida animal, a sua estrutura é dual e contraditória: *Proceso dual que es siempre contradictorio por cuanto su estrato “politico” implica necesariamente una exageración (hybris) , un forzamiento de la legalidade propia de su estrato físico* (Echeverría, 1998: 168). Com isto Echeverría quis referir-se à ruptura qualitativa entre o animal e o humano, que, no entanto, os dois cumprem com as mesmas funções reprodutivas, no segundo, o cumprimento destas não é um fim em si mesmo, porém, elas apenas são cumpridas na medida que são o meio para a reprodução de uma figura concreta de socialidad. O próprio do ser humano é este ato de violentar, transgredir, a substância animal que nos constitui, quer dizer trata-se de uma trans-naturalização⁶.

O autor quer destacar o elemento político do processo de reprodução social o que de fato constituiria a essência do político nas sociedades humanas. Por outras palavras, resgata o sentido

⁵ Echeverría emprega o termo socialidad humana para diferenciá-lo de sociabilidad do termo mais comum porém empregado com diversos sentidos.

⁶ Um exemplo desta trans-naturalização mencionado pelo autor é a sexualidade: “en el caso de la procreación humana la relación sexual entre dos elementos del cuerpo social, para efectos de la procreación no deja de ser una relación básicamente animal; pero es una relación que se encuentra subordinada a otra relación, co-extensiva a ella, que es de orden puramente formal y que la convierte en una relación propiamente erótica en donde el carácter procreativo puede incluso llegar a estar ausente” (Echeverría, 2001: 164).

aristotélico do sentido do político como a capacidade exclusivamente humana de decidir sobre os assuntos da vida social e de ter a forma da sua convivência como uma substância que pode ser transformada (Echeverría, 1998a: 78). Com o qual Echeverría realiza uma crítica direta ao pensamento moderno, que preso na realidade criada pela alienação capitalista, limita e restringe o político ao âmbito do Estado e às classes políticas. Mas ainda, se o processo de reprodução social contém em si mesmo a substância do político se separa criticamente das leituras economicistas, que cobram a Marx uma suposta ausência do político na sua teoria, é que tem tido como resultado a redução da superação da alienação, a ação revolucionária, à simples soberania da sociedade política e seu estado (Echeverría, 1997: 172-176). Ao contrário do senso comum para Echeverría é claro que Marx lega uma rigorosa e profunda fundamentação do político (Juanes, 2012: 179).

A continuação Echeverría adiciona outra peculiaridade, vinculada à anterior, do comportamento reprodutivo do ser social: a sua dimensão semiótica. No momento produtivo o sujeito social deve escolher uma forma de acordo o qual ele vai transformar a natureza e com esta forma produzir um valor de uso culturalmente concreto que por sua vez determina ao sujeito que o consume, porque ao determinar a forma concreta dos objetos produz *“una intención transformadora”* dirigida a si mesmo enquanto consumidor. Como o mesmo Marx expõe na *Introdução 1857*, o resultado do processo de produção é tanto quanto o objeto na sua forma concreta como quanto o sujeito que o vai consumir, pois com esse objeto ele não se satisfaz apenas uma necessidade geral (animal) senão uma necessidade sob a uma forma social específica: *el hambre es hambre, pero el hambre que se satisface con carne guisada, comida con cuchillo y tenedor, es un hambre muy distinta del que devora carne cruda con ayuda de manos, uñas y dientes*“(Marx, 2004 [1844]:12).

Neste ponto, Echeverría destaca a dimensão semiótica do processo de reprodução social aproveitando as reflexões que Marx realiza sobre a forma concreta dos objetos produzidos. A forma que tem um bem, aponta, nunca é neutra nem inocente: elas são o veículo do projeto de auto-realização humana no sentido de que *“producir y consumir objetos es producir y consumir significaciones (...) Producir es comunicar consumir es interpretar (...) Apropiarse de la naturaleza es convertirla en significativa”* (Echeverría, 1998: 182). Como resultado, a estrutura dos objetos contém um duplo nível de presença no processo de reprodução social: o primeiro puramente natural, apenas imaginável, pois ele somente existe de forma transcendido, o objeto

seria natureza transformada segundo o sistema de capacidades/necessidades instintivas (animais) do sujeito; o segundo, trata-se do primeiro nível porém re-funcionalizado, dotado de forma, que ao mesmo tempo que permite a realização da reprodução física dos indivíduos, inclui a sua reprodução “política” (intersubjetiva).

Neste sentido, o sujeito produtor cifra sobre a sustância do objeto, uma intenção transformativa que o sujeito consumidor vai decifrar, interpretar e assumir. Sendo o campo instrumental a entidade significadora fundamental, porque são os instrumentos os que estabelecem o campo de possibilidades, mais ou menos limitado de formas que pode adquirir o projeto transformativo social, ao serem o meio através do qual a matéria natural (significado o conteúdo) se articula com um sentido determinado (significante/forma). Cada instrumento se faz efetivo, com a sempre necessária intervenção do trabalho vivo, não apenas de uma forma singular, porque cada um deles contém um conjunto de formas possíveis, uma efetividade aberta, porém, limitada à uma determinada classe de objetos. Ao conjunto de instrumentos, chama o campo instrumental da sociedade cuja efetividade quantitativa faz referência à produtividade e a qualitativa às possibilidades de forma com as quais permite re-funcionalizar a natureza (Echeverría, 1998: 180). Desta forma, a dimensão semiótica da vida social não se distingue do processo prático de produção /consumo, ela é o modo em que cada ato deste fica assumida a dualidade, física e política, específica do ser social.

Desta forma, Echeverría introduz no processo de reprodução social a dimensão cultural. Como aquela dimensão sem a qual o comportamento produtivo e político do ser social fica incompleto. Com a sua teoria materialista e crítica da cultura, consegue doar de um conteúdo cultural à práxis em geral. Com o que rompe com o euro-centrismo, às vezes presente entre os marxistas (Gandler, 2007: 16). Pode assim contribuir na crítica às questões raciais e de diversidade cultural muito presentes no começo do século XXI porém dominados pelas perspectivas idealistas e subjetivistas. Abrindo caminho à crítica cultural marxista particularmente importante para o marxismo não europeu, pela necessidade da crítica das formas de dominação cultural (Inclán, 2012: 21).

Como ideia final, Echeverría destaca que o conceito de valor de uso não faz referência a um *“modo paradisíaco de existencia del ser humano, del que éste hubiese sido expulsado por su caída en el pecado original de la vida mercantil y capitalista”* (Echeverría, 1989a:196). A forma social-natural da reprodução humana é por si mesma conflitiva: a não sempre feliz trans-

naturalização da vida animal ou a liberdade de ter que dotar de forma, política e cultural, a sua própria existência. Com esta ideia Echeverría tenta evitar cair no idealismo na sua exposição do processo de reprodução social em geral. Em particular, para ele a transnaturalização própria da constituição da especificidade humana, seguindo algumas indicações de Nietzsche, trata-se do fato que expulsa os animais humanos do paraíso do instinto natural (Echeverría, 2001: 149). Com o qual para Echeverría a superação do capitalismo, como lógica de reprodução que submete a forma social –natural a uma outra lógica alheia, não significa o acesso imediato a um mundo angelical, se não o começo da história em que o ser humano enfrenta conscientemente o seu próprio *drama*: a sua liberdade.

Como resultado da sua reconstrução da teoria do valor de uso, da práxis concreta humana, Echeverría consegue analisar a totalidade da vida social, na suas dimensões econômicas, políticas e culturais. Pois estas dimensões são componentes do processo de reprodução social-natural superando assim o vazio criado entorno a estas questões provocado por uma incompreensão do que Marx referiu rapidamente como a *estrutura* da sociedade no Prologo de 1859 e com o qual se abriria a porta para as interpretações economicistas e reducionistas do marxismo vulgar dominante ao longo do século XX.

O processo de subsumção do valor de uso ao capital

Voltando para a contradição valor e valor de uso, porque é evidente que por mais aperfeiçoada que seja a perspectiva sobre o processo de reprodução social-natural, e ainda que necessária, ela é insuficiente para a crítica do mundo no qual habitamos: o capitalismo. Como é que na realidade acontece este processo de dominação por parte da lógica abstrata-quantitativa sobre a vida humana? Se pode falar de uma destruição de toda a riqueza qualitativa do sujeito social enquanto a lógica do capital, indiferente por princípio ao que diz respeito ao concreto-qualitativo, é incapaz de compensar esta perda? É possível também falar de um indivíduo completamente alienado, passivo ou zumbi diante o seu processo de reprodução? Para Echeverría é impossível uma autovalorização do valor que não suponha um projeto de mundo, uma concreção, e também não é útil nem imaginável um indivíduo paralisado, em suspenso, e apenas ativo no sentido da resistência.

Para resolver esta questão, o nosso autor aponta para o desenvolvimento da *dialética da coisificação*, do decompor e recompor o mundo social na realização do capital. A proposta de

Echeverría é por tanto destacar a forma na que o capital se realiza efetivamente como um processo concreto de reprodução social, não apenas econômico mas também político e cultural, no qual os indivíduos através da sua atividade ratificam e resistem ao capital (Echeverría, 1988: 511-514). Assim surge uma outra questão central ao interior da proposta de Echeverría, igualmente presente na teoria de Marx: o valor de uso não simplesmente desaparece nem é substituído nem dominado completamente pelo valor, a valorização do valor é sempre dependente da sua existência ainda que lhe seja indiferente a sua concretude e o submeta.

Ainda o caráter totalizante do capital, de transformar tudo em mercadoria para a valorização, a sua logica é realizada como um conflito sempre renovado. A economia capitalista é uma *totalização forçada* que sempre mantém a polaridade contraditória do valor e o valor de uso. Ainda que o valor negue e submeta ao valor de uso, trata-se de uma *negação débil*, aponta Echeverría, o capitalismo não consegue aniquilar por completo a sua dependência na forma social-natural: *solo alcanza a neutralizarla dentro de figuras que la resuelven falsa o malamente y que la conservan así de manera cada vez mas intrincada* (Echeverría, 1997:158). Incapacidade de uma totalização acabada da lógica do valor que se valoriza e que se expressa no processo constante de subordinação abstrata e a resistência qualitativa do valor de uso, resistência que reimpõe constantemente a importância deste último para o mesmo processo de valorização⁷ como para a reprodução da vida social. A contradição valor e valor de uso permanece como fato e experiência constante e repetida nas sociedades capitalistas . Embora este fato não reduz nem relativiza o grau de domínio do capital sobre o valor de uso, ou seja , sobre a vida social.

Para Echeverría, a dialética da coisificação encontra-se em Marx sob o nome de processo de subsunção formal e real do processo de trabalho ao capital. Aqui o nosso autor, resgata a terminologia empregada por Marx no manuscrito conhecido como *O Capítulo VI inédito* ou *Manuscrito 1861-1863* de *O capital*. Com o qual Echeverría resgata a teoria mais acabada do desenvolvimento do capital (Veraza, inédito: 142). E sendo de fato o primeiro em fazê-lo na América Latina (Arismendi, 2012: 142). A palavra subsunção refere à subordinação e inversão já anunciada na contradição valor e valor de uso , porém não no seu sentido estático no interior da mercadoria e sim como processo. Neste sentido, a primeira virtude do conceito de subsunção é que ele denota a submissão do capital como um processo que se renova continuamente e não um

⁷ A importância do valor de uso para o processo de valorização é recuperado por Marcelo Carcanholo sob o nome de valor de uso formal (Carcanholo, 1998).

fato acabado, acontecido em uma data específica. Desta forma, o valor que se valoriza se encontra vencendo permanentemente ao valor de uso, que sucumbe, porém, sempre surge de novo e resiste, ainda que sempre com a perspectiva de perder, e as vezes, aos embates do valor valorizando-se.

Agora, uma segunda virtude do conceito de subsunção, é que este processo se apresenta em dois níveis, de acordo com o grau e tipo do seu efeito sobre a reprodução da vida social. A subsunção formal, segundo o qual o modo de produção capitalista apenas muda as condições de propriedade do processo de produção. Com o qual muda sim o sentido geral do processo de reprodução social, ao torná-lo um processo dirigido exclusivamente à realização e acumulação de mais-valor e não mais à reprodução social, a qual fica em segundo plano como um mal necessário. Porém, ao fazer isto não modifica o conteúdo do processo de trabalho e do consumo, pelo contrário, se apropria do sistema de necessidades e capacidades pré-existentes.

A subsunção real acontece quando a estrutura do processo de produção-consumo é produzida ela mesma de acordo com o princípio capitalista. Com o qual a legalidade da exploração e a inversão própria da contradição valor e valor de uso torna-se uma realidade primeiro tecnológica, com o desenvolvimento das forças produtivas na maquinaria automática, e depois como uma realidade material produzida que contém na sua estrutura dita legalidade (Arizmendi, 2012: 161). O resultado é assim a criação, ou a inovação, do sistema de capacidades, tecnológicas e científicas, e necessidades sociais que ainda aparecem como obedecendo à decisões individuais ou coletivas, obedecem às necessidades de acumulação do capital (Juanes, 2012: 177-178).

A consideração da subsunção real do processo de trabalho permite a Echeverría esquivar criticamente o mito burguês do progresso, antes referido no contexto do diálogo entre ele e Markus. Segundo o qual com o capitalismo o ser social se torna O Senhor da natureza, transformando-a em um apêndice da sua realidade. Neste sentido, recusa-se adotar acriticamente a perspectiva que transforma a natureza em apenas um objeto da atividade humana apenas como o reservatório do que dispõe graças à expansão da tecnologia capitalista (Arizmendi, 2012: 154). Com isto, não nega que o capitalismo representa na história da humanidade uma mudança tecnológica radical, como um pulo qualitativo na força de trabalho e os seus instrumentos, que permite pela primeira vez na história considerar a possibilidade de superar a condição de escassez como a experiência fundamental da humanidade (Echeverría, 1997: 143).

Mais uma vez a chave para entender criticamente este pulo tecnológico das sociedades e ao mesmo tempo não cair no mito do progresso, Echeverría propõe compreendê-lo a partir da contradição valor e valor de uso. Desta forma é imprescindível diferenciar entre a sustância desta mudança tecnológica e sua peculiar forma de realização. O caráter característico da modernidade, como *forma histórica de totalização civilizatória*, seria para Echeverría, precisamente esta possibilidade de superar a condição de escassez, promessa que é resultado do surgimento de uma técnica diferente entre as sociedades humanas⁸. Porém, esse fundamento técnico se apresenta apenas como possibilidade abstrata, como essência, que tem que ser atualizada, concretizada sob alguma forma e ainda não sendo a única possível o capitalismo tem sido a dominante. Justamente esta realização específica da essência moderna pelo modo de produção capitalista é precisamente o que em Marx aparece sob o nome de subsunção real do processo de trabalho ao capital. Assim que, se bem o capitalismo é a forma que traz ao mundo à modernidade, o princípio libertador desta queda constantemente traído pela sua sujeição ao capital (Arizmendi, 2012: 162).

Desta maneira, fica evidente desde a perspectiva da contradição valor e valor de uso e a subsunção real do processo de trabalho ao capital por ela suposta, que o desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo não é neutro ou unilateralmente libertador: elas têm inscritas na sua materialidade técnica, e não somente no seu uso capitalista, a dualidade específica da modernidade capitalista do progresso e devastação. Para Echeverría existem três possibilidades de existência da técnica: a técnica destrutiva, que supõe a submissão negativa do corpo humano e o domínio sem reservas da natureza; a técnica lúdica, conduzida a libertar à humanidade do trabalho necessário; e a reserva técnica própria das sociedades, digamos, tradicionais ou pré-capitalistas que tem resistido ao embate do capitalismo industrial do *norte-europeu* (Juanes, 2012: 176).

A técnica moderna por definição é uma combinação, esquizoide, de técnica destrutiva e técnica lúdica, mas antes de expor as implicações desta afirmação e interessante destacar uma outra questão. Com o reconhecimento da reserva tecnológica das formas social-naturais, algumas

⁸ Echeverría aproveitando o contexto de discussão criado entre pós-modernistas e modernistas a mediados dos anos 80, responde com um posicionamento desde a Crítica da Economia Política. Um dos elementos tal vez característico desta discussão, e da época, é que o conceito de capitalismo aparece como obsoleto diante o conceito de modernidade e a sua suposta crises ou superação. Em contraste com esta peculiaridade da época, Echeverría funda a sua teoria crítica sobre a modernidade, e assim a sua participação em este debate, baseando-se fundamentalmente na problemática e complexa relação entre modernidade e capitalismo.

de origem pré-capitalista, Echeverría rompe com outros dos dogmas do marxismo vulgar: a crença de que a liberdade depende de um desenvolvimento linear e cosmopolita das forças produtivas, o que tem sido acompanhado por parte de muitos marxistas, por um pouco aprecio pelas formas de vida , com raízes pré-capitalistas , mas que de alguma ou outra forma tem sabido sobreviver aos embates totalizantes do capitalismo e a sua técnica lúdica/destrutiva (Juanes, 2012:181).

E é precisamente no capitalismo do final do século XX e princípios do XXI quando o caráter destrutivo da técnica capitalista é brutalmente evidente, época de devastação desaforada da natureza e da riqueza social , incluída a corporeidade dos indivíduos. Perante de este cenário, Echeverría aponta que hoje, como nunca, é necessário realizar a crítica radical do mundo material, na sua qualidade de valor de uso técnico e consuntivo, criado pelo capitalismo e sobre o qual temo-nos vistos obrigados a reproduzir nossas vidas. Diante da catástrofe neoliberal é quase que impossível manter e defender a ideia de uma suposta “bondade” intrínseca da técnica desenvolvida pelo capital e que unicamente precisa ser liberada das relações capitalistas para abrir o mundo da liberdade para a humanidade. Em outras palavras, hoje como nunca é impossível manter em pé aquelas teorias marxistas pressas do mito do progresso, em razão de que: *resulta ilusoria la posibilidad de que un nuevo orden social desplace de lado negativo al lado positivo el mecanismo que regula el sentido del funcionamiento de una misma tecnologia, la tecnologia moderna (Echeverría, 1986: 13).*

Neste sentido pergunta, em que medida o valor de uso proposto e imposto pelo capital é a única forma-natural do processo de reprodução imaginável? E em que medida a relação de domínio entre a humanidade e a natureza desenvolvida pela modernidade capitalista é imutável e eterna? É possível uma alternativa para a concreção do processo de reprodução social que não este fundado no princípio da escassez porem também não na escassez artificialmente criada e reproduzida pela lógica capitalista? (Echeverría, 1986: 13). Sendo este, segundo o nosso autor , precisamente *o tema de nosso tempo* onde não apenas está em jogo a compressão crítica do capitalismo do século XXI e atualidade do projeto de Marx senão também a sua superação.

IV. A forma de conclusão: A atualidade da revolução diante a barbárie capitalista.

O questionamento implacável que realiza Echeverría dos pilares do pensamento marxistas do século XX assim como da dominação do mundo de vida pelo capital, não o levam a adotar a

atitude, muito comum no nosso tempo, de abandono e de desilusão diante a possibilidade de uma alternativa real ao mundo do capital (Arismendi, 2012:148). Pelo contrário, e seguindo o espírito de Marx, para ele apenas pode se defender a atualidade da revolução através de um rigoroso e profundo exame do capitalismo (Juanes, 2012: 174). A própria reconstrução do projeto de crítica de Marx, a partir da plataforma da contradição valor e valor de uso, contém a atualidade da revolução. Estes elementos, digamos, revolucionários da teoria de Echeverría foram enunciados de forma, mas ou menos explícita ao desenvolver os argumentos neste artigo. Por último, se dedicara estes comentários finais para retomá-los em conjunto e ressaltar a sua utilidade para a superação do capitalismo no século XXI.

Echeverría identifica que o fato decisivo das sociedades capitalistas é precisamente a inversão das prioridades autenticamente humanas (derivadas da reprodução da sua vida em um dialogo material e simbólico com a natureza externa mas também com a sua própria especificidade como sujeito social concreto em termos da organização da suas relações sociais e a sua identidade), diante um conjunto de prioridades, do lucro e a acumulação, que no fundo não tem nenhuma função ou utilidade em relação a seu processo de reprodução concreto. Inversão que não significa outra coisa que a denunciada alienação e que abrange a totalidade da realidade social e não apenas a sua dimensão econômica. Ideias que a primeira vista pareceriam oferecer um presente e futuro pouco alentador. Em razão de que o domínio do capital é apresentado como sendo radical , no sentido de ser oposto à reprodução humana , é quase que onipresente, ao considerar que todo no nosso mundo predomina a tendência de converter tudo em mercadoria para a valorização e com ela a mencionada inversão.

Contudo a intenção de Echeverría, como de Marx, é apontar nesta análises rigorosas da catástrofe capitalista a via para a sua superação. E para o nosso autor o valor de uso tem aqui um papel importantíssimo, porque ele representa nas nossas sociedades a atualidade mesma da revolução ao ser precisamente aquilo que chega a contradizer o capital. Este sentido do valor de uso é precisamente o que aponta para a revolução, porque não se deve considerar como aquilo que o capital se encontra e domina senão também como aquilo que está sempre presente nas nossas sociedades contradizendo e desafiando o império da lógica de acumulação, não apenas apontando a possibilidade presente da revolução, mas também, o sentido que ela deve ter. Primeiro porque a atualidade da revolução está contida na mencionada *dialética da coisificação*, na resistência e ressurgimento do valor de uso, no fato de que o seu subordinação precisa sempre

ser renovado uma e outra vez pelo capital. Pelo fato de que a devastação capitalista está irremediavelmente acompanhada por uma sustância de progresso, ainda não seja sempre muito evidente. E segundo porque o valor de uso aponta para o sentido que deve ter a superação do capitalismo, ao referir ele mesmo não apenas à dimensão econômica mas no contrário por resgatar o sentido não alienado da dimensão política e cultural das nossas realidades. E pelo tanto a superação da alienação não deve ser procurado nas altas esperas da política e da cultura, nem apenas nas forças produtivas desenvolvidas nas metrópoles ou centros capitalistas. No fundo para o nosso autor: *En el origen y en la base del ser de izquierda se encuentra la actitud ética de resistencia y rebeldía que consiste en tomar partido por el “valor de uso” del mundo de la vida y por la forma natural de la vida humana (Inclan , 2012: 21).*

Referencias

Arizmendi L. Bolívar Echeverría o la crítica a la devastación desde la esperanza en la modernidad en Fuentes, García y Oliva (comp.) Bolívar Echeverría, crítica e interpretación. UNAM- ITACA. 2012 . pp. 141- 163.

Barreda A. En torno a las raíces del pensamiento crítico de Bolívar Echeverría. En (antología) *Bolívar Echeverría , Crítica de la modernidade capitalista* . Vice Presidencia del Estado Plurinacional de Bolivia. Bolivia, 2011.

Echeverría B . “El valor de uso : ontología y semiótica” en *Valor de uso y utopia* .Siglo XXI editores. México 1998a.

----- *La contradicción del valor y del valor de uso en El Capital*, De Karl Marx. Editorial Itaca. México 1998b.

----- “El concepto de fetichismo en el discurso revolucionario” em (antología) *Bolívar Echeverría , Crítica de la modernidade capitalista* . Vice Presidencia del Estado Plurinacional de Bolivia. Bolivia, 2011. Original publicado em 1978.

----- “El concepto de fetichismo en Marx y en Lukács “ em (antología) *Bolívar Echeverría , Crítica de la modernidade capitalista* . Vice Presidencia del Estado Plurinacional de Bolivia. Bolivia, 2011. Original publicado em 1988.

----- Modernidad y Capitalismo (15 Tesis) em *Las Ilusiones de la modernidad* . UNAM- El Equilibrista. México. 1997.

----- *Definición de la cultura* . Editorial Itaca-UNAM. México . 2001.

----- “Crítica a “La posibilidad de una Teoría Crítica” de György Márkus”. *Revista Mundo Siglo XXI*. Num 20 Primavera 2010. Centro de Investigaciones Economicas, Administrativas y Sociales IPN. México. 2010.

Gandler S. Marxismo crítico en México: Adolfo Sanchez Vazquez y Bolívar Echeverría . FCE, UNAM, FE/UNAM. México 2007.

Grave C. El discurso crítico sobre la modernidade en Fuentes, García e Oliva (Comp.) *Bolívar Echeverría , crítica e interpretación*. FFyL UNAM e Editorial Itaca. 2012.

Inclán D., Millán M. e Linsalata L. “Apuesta por el “valor de uso“: aproximación a la arquitectónica del pensamiento de Bolívar Echeverría“ *Íconos*, Revista de Ciencias sociales. Num 42, Quito, mayo 2012, pp. 19-32.

Juanes J. La politica y lo político en Bolívar Echeverría em Fuentes, García y Oliva (comp.) *Bolívar Echeverría , crítica e interpretación*. UNAM- ITACA. 2012 . pp. 173-181.

Kohan N. “Racionalidad, hegemonia y fetichismo en la teoria crítica” *Laberinto* no. 41. 2014

Lowy M. Prólogo a Gandler *Marxismo crítico en México*. Adolfo Sanchez Vázquez y Bolívar Echeverría . FCE, UNAM, FE/UNAM. México 2007.

Marx K. ([1872] 2003) El Capital Critica de la Economía Política. Tomo I vol. I..Siglo XXI editores. México

----- ([1857-58] 1989) Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse) 1857~1858. Tomo 1 . 16a edición. Siglo XXI editores. México

Ortega J. El valor de uso en el marxismo de Bolívar Echeverría en : Gómez D. y Ortega J. (Coord) *Pensamiento Filosófico nuestroamericano*. UNAM. 2012, URL: <http://marxismocritico.files.wordpress.com/2013/10/el-valor-de-uso-en-el-marxismo-de-Bolívar-echeverria.pdf>

Carcanholo M. A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx. *Pesquisa & Debate*, SP, volume 9, número 2(14). P 17-43. 1998.

Veraza J. *El pensamiento de Bolívar Echeverría: Arquitectura , Génesis y trascendencia* . (inédito).